Perguntas

de João Pedro Cachopo

29.03.2020

Retenho do último texto publicado por Agamben a pergunta inicial.

“Trata-se de reflectir sobre a facilidade com que uma sociedade inteira aceitou sentir-se contaminada, isolar-se em casa e suspender as suas condições normais de vida, as suas relações de trabalho, de amizade, de amor e até mesmo as suas convicções religiosas e políticas. Porque não tiveram lugar, como era possível imaginar e como habitualmente sucede nestes casos, protestos e oposições?”

Não me interessa, aqui, discutir a hipótese sugerida por Agamben – de que a “peste” já existia, ainda que inconscientemente – mas apenas deter-me na pergunta, que me parece certeira. Dizer de uma pergunta que é certeira pode gerar perplexidade. Afinal, como pode uma pergunta ser certeira independentemente da resposta? Ora, é exactamente isso – que uma pergunta pode ser certeira independentemente da resposta, como creio ser a que Agamben faz neste último texto – que gostaria de sublinhar.

Há perguntas – e se a filosofia não serve para fazê-las, não sei para que servirá – cuja relevância consiste em perspectivar a própria actividade questionadora não só como “causa” mas também como “consequência”. Não se trata apenas de interrogar o método (se é mais ou menos científico) que conduz à obtenção de uma resposta. Trata-se, antes disso, de perguntar: que experiências, que anseios, que temores nos levam a privilegiar certas perguntas ao invés de outras, a escolher esta ou aquela resposta, ou a exigir que para determinadas perguntas se encontrem respostas imediatas? Logo, trata-se também de perguntar: que questões deixam de ser levantadas quando todas as atenções estão voltadas para obter as respostas a outras perguntas? Por estes dias, parece claro que a pergunta “como e quando nos livraremos da pandemia?” se tornou hegemónica ao ponto de nos fazer esquecer (ou ameaçar fazer esquecer) quaisquer outras. Esse não é o menor dos perigos da situação que enfrentamos – e quem sabe se não é maior do que a própria pandemia.

É por pôr o dedo nesse perigo – de nos deixarmos cegar por esse mono-questionamento – que a pergunta de Agamben é certeira. E é-o, também, porque sugere que a única forma de lidarmos de forma lúcida com a pergunta que nos assalta (“como e quando nos livraremos da pandemia?”) passa por resistirmos à tentação de desistir de tudo – da liberdade, do amor e da coragem de fazer todas as perguntas – e tudo deixar nas mãos da primeira entidade, instituição ou discurso (incluindo o científico) que nos prometa um antídoto, se não contra o vírus, pelo menos contra a incerteza e o temor que ele gera.